

OPINIÃO

Adeus, América: como Trump está gerando uma evasão de cérebros nos EUA?

Alexandre Pierro (*)

O que acontece quando uma nação que, historicamente, já se beneficiou fortemente da diversidade e do talento estrangeiro em sua economia e inovação, começa a fechar suas portas para essas mentes brilhantes?

Em breve, poderemos ter essa resposta, diante de tantos perigos que as ações do atual presidente Donald Trump, está seguindo, buscando mecanismos que barrem a permanência de imigrantes no país – o que, não apenas levará a uma evasão de cérebros excepcionais, como também permitirá o avanço de outras nações como novas referências no comércio global.

A promessa de liberdade, oportunidades econômicas, e a busca por uma vida melhor impulsionaram um movimento intenso de imigrantes à terra do Tio Sam, em um ideal impresso durante sua independência há mais de 200 anos visando o desenvolvimento nacional e sua reconstrução em meio a grandes conflitos existentes à época.

Com a Segunda Guerra Mundial, como exemplo, foi instituído o Projeto Manhattan, um programa de pesquisa e desenvolvimento que trouxe grandes físicos e cientistas mundiais ao país para que pudesse estudar em suas renomadas universidades. Em troca, explorariam seus conhecimentos no desenvolvimento de inovações que lhes permitissem sobreviver ao conflito – o que ocasionou na produção das primeiras bombas atômicas estadunidenses.

Após essa guerra, mais uma iniciativa ganhou destaque, a fim de obter vantagem militar dos EUA na Guerra Fria Soviético-Estadunidense e na Corrida Espacial. Estamos falando da Operação Paperclip, em que cientistas renomados globalmente foram levados ao país, conquistando realizações históricas como os Programas Apollo, conjunto de missões espaciais conduzidas pela NASA. Werner Von Braun, inclusive, foi um dos engenheiros alemães que vieram por este projeto, protagonista e desenvolvedor do Saturno V, foguete que deu a oportunidade de homem pisar na lua.

Esses são apenas alguns exemplos que mostram quanto a inteligência estrangeira foi essencial para alavancar os Estados Unidos em termos de inovação e tecnologia desde seus primórdios, o que está sendo, preocupantemente, ameaçado agora.

De acordo com a última Pesquisa da Comunidade Americana (ACS) do US Census Bureau, em 2023, havia 47,8 milhões de imigrantes residindo nos Estados Unidos, sendo, hoje, um dos países que mais abriga estrangeiros. Agora, reassumindo a presidência, Trump vem estabelecendo medidas fervorosas contra a imigração em seu território, o que vem gerando

conflitos intensos em diversas regiões. Em Los Angeles, na Califórnia, local com grande presença de comunidades latinas, protestos tomaram conta de suas ruas contra essa política de imigração, repreendidos pela Guarda Nacional com cenas fortes de confrontos.

As próprias universidades estadunidenses, além de terem tido verbas cortadas pelo governo, também foram intimadas a não aceitarem mais estudantes estrangeiros, com as embaixadas ordenadas a não agendarem mais entrevistas de vistos. Harvard foi a instituição que mais se posicionou, publicamente, contra a decisão, uma vez que afetaria cerca de 7 mil de seus estudantes – tendo entrado com uma ação judicial contra o governo e solicitado a suspensão da medida após acusá-la de cometer uma "violação flagrante" da lei, ao impedir a matrícula de estudantes estrangeiros.

Todas essas medidas demonstram quanto o atual governo está expulsando seus grandes talentos estrangeiros que, há anos, foram a força motriz para alavancar o país tanto como mão de obra (tendo alavancado suas indústrias e demais serviços), quanto em termos de inovação e tecnologia.

O resultado disso? Podemos ter uma mudança enorme em centro de inteligência e tecnologias que, até então, relacionávamos ao Vale do Silício. Diversas big techs podem migrar para outros países abertos para recebê-las e investir em seus talentos, como a China e demais regiões da Europa – desencadeando um fluxo e evasão de cérebros que, dificilmente, poderá ser revertida a curto e médio prazo.

A própria China, como exemplo, ganhou mais de uma empresa unicórnio por semana em 2023, segundo o Índice Global de Unicórnios 2024. Foram 56 novas startups que valem, ao menos, US\$ 1 bilhão dos EUA e, ainda, não listadas em uma bolsa de valores públicas que surgiram na potência asiática durante o ano passado. Imagine, agora, recebendo tantas mentes brilhantes que podem deixar os Estados Unidos em busca de um local tenham um ambiente de incentivo para continuar estudando e inovando.

É preocupante ver a nação que, antes, reforçava a vinda de mão de obra estrangeira para construir, desenvolver e inovar, expulsando essas pessoas que devem migrar para países que podem se tornar novas referências e polos econômicos internacionais, redefinindo as regras deste grande jogo do comércio. Restam, agora, algumas dúvidas: quem assumirá essa frente inovadora nos EUA? E, quais crises (ou, talvez, oportunidades) essa possível nova dinâmica econômica trará ao resto do mundo?

(*) Mestre em gestão e engenharia da inovação, engenheiro mecânico, bacharel em física e especialista de gestão da PALAS, consultor pioneiro na implementação da ISO de inovação na América Latina.

Salesforce: IA substitui o trabalho humano muito rapidamente

O CEO da Salesforce, Marc Benioff disse à Bloomberg que "entre 30 e 50% do trabalho que era realizado por pessoas na empresa está sendo feito por inteligência artificial".

Vivaldo José Breternitz (*)

Com cerca de 72 mil funcionários, a Salesforce é uma das maiores empresas de software do mundo, especializada principalmente em soluções de gestão de relacionamento com o cliente (CRM) baseadas na nuvem.

A empresa oferece uma ampla gama de produtos para vendas, atendimento ao cliente, marketing, análise de dados, comércio eletrônico e desenvolvimento de aplicativos.

Segundo Benioff, "todos precisamos entender que a IA pode fazer coisas que antes nós fazíamos. Isso nos permite focar em tarefas de maior valor agregado" – esse discurso, de tom otimista, esconde uma verdade: ao menos por enquanto, o desemprego gerado por IA tende a aumentar – a Salesforce, no início do ano, anunciou a demissão de cerca de 1.000 funcionários.

Ironicamente, a empresa divulgou planos para contratar outros 1.000 profissionais, que estarão focados na venda da tecnologia Agentforce, da própria Salesforce, que promove a adoção da IA para automatizar atividades tradicionalmente desempenhadas por pessoas, muitas das quais perderão seus empregos.

Esse cenário acende um alerta que parece estar se espalhando. No início de junho, o CEO da Amazon, Andy Jassy, escreveu aos funcionários destacando a ampliação do uso de ferramentas de IA generativa na empresa. Ele admitiu que, no futuro, a companhia



provavelmente precisará de menos pessoas do que emprega atualmente.

Com o setor de tecnologia buscando novas formas de reduzir custos e aumentar a eficiência, outras empresas já anunciam cortes de pessoal enquanto investem pesadamente em IA. A Microsoft, por exemplo, demitiu mais de 6.000 pessoas em maio e estaria promovendo uma nova rodada de dispensas. O Google também estaria enxugando equipes em diversos departamentos.

O site especializado Layoffs.fyi estima que mais de 63 mil empregos americanos foram

eliminados na indústria de tecnologia apenas em 2025 – com fortes indícios de que a IA é, ao menos em parte, responsável por esse cenário.

Para Benioff, estamos vivendo uma "revolução do trabalho digital". Ele afirma que os agentes de IA da Salesforce já atingem cerca de 93% de precisão nas tarefas que executam. "É um número bastante bom, mas atingir 100% não é realista", ponderou, acrescentando que empresas que operam na forma tradicional tem números piores.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnitz@gmail.com.

Do dado à decisão: por que a jornada precisa ser AI-First

Nos últimos anos, falamos sobre transformação digital. Mas o que vemos agora é uma virada de chave ainda mais profunda: as empresas estão entrando em uma era "AI-First", onde a inteligência artificial (IA) não é apenas uma tecnologia de suporte, e sim a engrenagem central das decisões estratégicas. No entanto, há um ponto-chave que precisa ser compreendido e praticado, por quem quer liderar esse movimento: essa jornada começa com os dados.

Não há atalhos. Para que a IA funcione de forma eficiente, ética e com impacto real nos negócios, os dados precisam vir estruturados, conectados, governados. É esse fundamento que chamamos de "do dado à decisão". Não é apenas um conceito técnico, mas um alinhamento estratégico entre cultura organizacional, tecnologia e propósito de negócio.

Muitas empresas ainda tratam seus dados como um subproduto da operação. Porém, na prática, dados são hoje o grande ativo competitivo. Eles alimentam desde modelos de IA generativa até sistemas preditivos, motores de recomendação, bots e agentes inteligentes. E mais: são o elo entre decisões humanas e automatizadas, cada vez mais integradas.

Mas não basta coletar. É preciso cuidar. Dados imprecisos, desatualizados ou tratados de forma indevida geram decisões ruins ou, pior, decisões automáticas ruins. Por isso, antes de falar em IA, em GPTs ou em agentes autônomos, o ponto zero da discussão precisa ser: como está a sua fundação de dados?

AI-First depende de data-first. Hoje, o que vemos no mercado é um movimento forte de AI push, em que os dados passam a ser não



Filipe Cota

apenas insumo, mas direcionador de ação. Modelos autônomos precisam de dados confiáveis para funcionar. Agentes inteligentes só geram valor real quando têm contexto, histórico e qualidade. E todos esses elementos nascem da maturidade na governança de dados.

Ou seja: não existe IA estratégica sem um "data layer" robusto por trás. Essa é uma conversa que pode parecer repetitiva e de fato, é. Mas ela precisa continuar acontecendo. Assim como falamos de segurança da informação por décadas (e seguimos falando), o debate sobre dados precisa ser permanente. Porque é nele que se constrói a base para a inovação sustentável.

Agentes inteligentes e o retorno aos processos

Um dos pontos mais interessantes do momento atual é que, ao mesmo tempo em que caminhamos para um universo orientado por IA,

voltamos a falar com força sobre processos. Agentes inteligentes como copilotos, bots e automações nada mais são do que processos e tarefas com inteligência embutida para responder em nome dos usuários e sistemas.

Isso exige uma nova forma de pensar tecnologia: não como um fim, mas como uma forma de integrar, transformar e evoluir os processos da empresa. E, novamente, o elo para que isso funcione é o dado.

A IA é o motor. O processo é o caminho. O dado é o combustível.

Portanto, essa discussão não é só técnica. É cultural, estratégica e organizacional. Ela exige que líderes deixem de tratar dados como um tema da TI e o reconheçam como prioridade de negócio. Significa repensar indicadores, investir em qualidade, promover interoperabilidade e capacitar pessoas.

Empresas que querem escalar IA precisam começar organizando o básico. E isso não é um retrocesso, é visão. Sem dados confiáveis, qualquer estratégia de IA é como navegar sem bússola: você até se move, mas não sabe para onde está indo.

A jornada não começa na IA. Começa no dado bem estruturado, bem tratado e bem entendido. Esse é o primeiro passo para qualquer transformação significativa com inteligência artificial. Se a IA é o futuro das decisões, os dados são o início da jornada.

(Fonte: Filipe Cota é CEO da Stefanini Data & Analytics).

News @TI

Plataforma inédita de ciência de dados e inteligência artificial aplicada ao mercado da arte

@Ainda este ano, colecionadores, investidores e apreciadores terão à disposição uma ferramenta inédita que transformará a arte no Brasil em um ativo mensurável e comparável de forma mais precisa e confiável. Esse mercado entrará em uma nova era com o iArremate Legacy, plataforma pioneira de cotação e análise de obras de arte baseada em dados, inteligência artificial e modelos econômicos avançados em um setor,

historicamente, marcado pela subjetividade e pela escassez de dados concretos. A novidade é fruto de mais de uma década de atuação e experiência acumulada do iArremate, que desde sua fundação tem sido a principal vitrine online de leilões de arte no país. Agora, com o iArremate Legacy, o ecossistema se expande para oferecer índices de valorização, relatórios de tendências, análises comparativas e métricas inéditas para avaliação de artistas e obras, tudo isso a partir de uma robusta base de dados e algoritmos proprietários (www.iarremate.com).

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br); Comercial: comercial@netjen.com.br; Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)
Webmaster/TI: Fabio Nader; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza. Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

ricardosouza@netjen.com.br

Responsável: **Lilian Mancuso**

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080. Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: [netjen@netjen.com.br](mailto:(netjen@netjen.com.br)) Site: (www.netjen.com.br) CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410